

A BAHIA COLONIAL

CAPÍTULO 3



Anotações

A large, empty rounded rectangle with a light gray border and a subtle drop shadow, intended for taking notes. It occupies the majority of the page below the header.

CAPÍTULO 3

A BAHIA COLONIAL

Aula 6 – Enfrentando as disputas pelo mar oceano.

Objetivo

Entender a situação de disputa do Atlântico Sul, e das regiões banhadas por ele, na qual se envolveu Salvador, a Bahia e a costa brasileira, nas disputas entre Portugal, França, Espanha e Holanda, dentre outras potências europeias.

3.1 SALVADOR, O AUXÍLIO CONTRA OS FRANCESES.

A presença francesa era ameaçadora. Como vimos desde os primeiros momentos da exploração do Brasil, os franceses tinham motivos para tentar conquistar e colonizar o Brasil. Caramuru, que de fato se casou na França tinha boas relações com eles, e a Bahia, por muito tempo havia mantido no mínimo tanto contato com franceses como com portugueses. Em parte, a derrota de Pereira Coutinho foi uma vitória francesa.

A chegada de Tomé de Souza estabeleceu uma armada no Brasil, e iniciou uma indústria naval no país. Estabeleceu tropas regulares, também para combater aos índios. Os franceses puderam ser então combatidos.



Imagem 16 – Caravela latina.

Disponível em: <http://museu.marinha.pt/Museu/Site/PT/Extra/Popups/Acaravelalatina.htm>.

Acesso em: 04/02/2012.

As disputas prosseguiram. É assim que em 1555 os franceses tentaram se estabelecer na Baía de Guanabara. Em 1567, 12 anos após o estabelecimento dos franceses chefiados por Nicolas de Villegaignon, que atacava as posições portuguesas próximas, o 3º Governador Geral, Mem de Sá partira da Bahia com a esquadra de guerra da capital, três naus fortemente armadas. Após ruidosa luta conseguiu retirar os franceses das melhores posições defensivas e expulsá-los. (BRUNO, 1967)

Destaca-se então que: 1) a realidade e capacidade militar portuguesa haviam se alterado, e que o equilíbrio de forças estava agora do lado português, que fazia de Salvador sua capital e ponto estratégico a partir do qual poderia intervir mais rapidamente, deixando para Lisboa a capacidade de intervenção para casos mais graves, e 2) por outro lado era evidente que a Bahia teria um papel de dar coesão e lógica de estado à costa brasileira. Cada capitania tinha vida própria, e de certo modo, eram até concorrentes, tendo em vista que a sociedade patrimonialista senhorial ibérica reserva as relações e alianças na direção do hierarquicamente superior. Sendo assim, cada senhor do mesmo nível de poder era um virtual concorrente do outro. Por isso os senhores de cada capitania tivessem pouco mais que a solidariedade da origem em comum, como elemento de sua união. A Bahia, porém, será o primeiro local autorizado pelo rei a desempenhar um papel mais amplo de liderar as capitanias, e os súditos locais, em empreendimentos mais articulados. É destacável que a intervenção dos baianos, via Governo Geral no Rio de Janeiro, contou com apoio dos grupos tupinambás aliados já tradicionais dos portugueses.

3.2 SALVADOR, PARTE DO GRANDE IMPÉRIO ESPANHOL – A UNIÃO IBÉRICA.

A formação dos estados ibéricos, Portugal e Espanha, desde os tempos medievais das guerras da reconquista foi complicada. A Espanha, ou melhor, dito, Castela, sempre almejou constituir-se em império. De fato, até hoje, os desejos de autonomia dos aragoneses, bascos, galegos, andaluzes e catalães, são evidência das pretensões e métodos dos castelhanos. A formação do Reino de Portugal, separado de Leon pelas intrigas de corte, pelo trabalho da Ordem de Cristo e dos Templários, finalmente pelo desejo dos comerciantes lusos, atrapalhou os planos castelhanos. Porém, existiam os laços de sangue.

De fato, em 1578, no Marrocos, o Rei D. Sebastião, envolveu-se em uma guerra santa, cheia de fé, mas de pouca previdência. Houve uma vitória inicial, foi derrotado e desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir. Com ele, 7000 portugueses desapareceram. Cerca de 15000 soldados e tropas portuguesas, 1500 cavaleiros foram desbaratados. A batalha marcava o final da capacidade ofensiva da reconquista sobre os mouros, que de fato não tinha forças para prosseguir a partir do norte da África. A morte de D. Sebastião dará origem ao sebastianismo, pois a partir daquele evento em Portugal ou no Brasil, sempre houve aquele que aguardava o salvador ou a salvação, advinda do retorno de Sebastião.

Após a morte de D. Sebastião, e pouco tempo depois de seu tio, D. Henrique, o pretendente ao trono português era o Imperador Filipe II da Espanha, neto de D. Manuel. Em rápida invasão, Portugal tornou-se parte da União Ibérica e o Brasil passou a ser também, como de resto todas as outras posses portuguesas, espanhol. Para a Bahia, a união se fez plena de dificuldades. Os comerciantes portugueses radicados na Bahia, e cada vez mais os baianos que já se aventuravam a controlar o tráfico de escravos, inclusive para as colônias espanholas, também passaram a vender alimentos e suprimentos a estas colônias. A metrópole se incomodava com este lucro que ia para a América, e logo veio a reação na forma da inquisição - que esteve presente na Bahia - a caça dos cristãos-novos, acusados de traição à fé e à monarquia sempre.



Imagem 17 – União Ibérica.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinastia_Filipina
Acesso em 08/02/012

Por outro lado, dono de um vasto e poderoso império onde o sol nunca se punha, talvez tenha sido este estado, a União Ibérica, o mais poderoso estado imperialista da história. Mas atraiu muitos inimigos de todas as sortes, de maneira que França, Inglaterra e Holanda, inimigos da Espanha, eram agora inimigos dos baianos.

Ao tempo em que a Espanha passou a governar Portugal, a produção de açúcar do nordeste, principalmente a de Pernambuco, mas também a da Bahia foi crescendo e tornando o Brasil cada vez mais importante, principalmente para os comerciantes portugueses, mas mais ainda para os Holandeses, que controlavam o comércio de açúcar e contribuíam fortemente para o desenvolvimento do mercado capitalista.

Nos anos seguintes a Bahia se afirmaria como importante fornecedora de açúcar, e em consequência importante importadora de escravos, não somente estimulando o tráfico, aumentando a demanda por braços e a chegada dos negros, mas também, começando a participar ela própria do tráfico e até a comandá-lo. Em pouco tempo, graças à produção de fumo e à maior necessidade de mão-de-obra, são os baianos que passam a fazer parte dos que comandavam o tráfico, abastecendo não somente o Brasil, mas também a América espanhola, e em breve, a inglesa e a francesa.

O tripé - produção de açúcar, tráfico de escravos e comércio holandês - fazia então a riqueza da Bahia.

3.3 SALVADOR E A INVASÃO HOLANDESA

O bloqueio que a Espanha impôs à Holanda, negando-lhe acesso ao açúcar brasileiro, acabou por produzir a invasão holandesa da colônia. Em 8 de maio de 1624, uma Bahia despreparada receberia a poderosa frota holandesa com 26 navios, 3300 soldados e 500 canhões, sob comando de Piet Heyn. Não houve tempo para preparar uma melhor defesa. A cidade lutou como pode. Os fortes, os soldados, até os índios, a defenderam. A população fugiu desesperada abandonando as armas que o Governador lhes havia dado. O Governador Geral, Diogo de Mendonça Furtado, rendeu-se. A cidade era holandesa, assim como alguns pontos da baía. Após a conquista, o comando passou para Johan Van Dorth.

O Bispo Don Marcos Teixeira organizou a fuga passou a organizar a resistência de cerca de 12000 homens, mulheres e crianças, em Abrantes.

Na cidade, os holandeses recuperaram os baluartes e construíram um dique na altura do atual Mercado das Sete Portas, que passou a defender a cidade em relação ao interior. O Dique do Tororó também teria sido construção holandesa. Os holandeses não conseguiram fazer a cidade voltar à normalidade e nem conquistar os engenhos do recôncavo.



Imagem 17 – Reconquista de Salvador em 1638.

Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Invas%C3%B5es_holandesas_no_Brasil.

Acesso em 10/02/012

A resistência começou a fustigar os invasores, e além dos que saíram da cidade, havia o apoio dos homens de Tatuapara e da Casa da Torre, que já mostrava sua força. A cidade foi cercada. Emboscadas em Água de Meninos, em Itapagipe, Itapuã, no outeiro do Barbalho, no Rio Vermelho, na Estrada da Vitória, em São Pedro e em São Bento, foram bem sucedidas. A ilha de Itaparica foi retomada por soldados e índios.

O comando da resistência passou para D. Francisco de Moura, nomeado pela coroa ibérica após a morte do Bispo.

Foi em 22 de março de 1625, quase um ano após a invasão, que chegou à Bahia, a poderosa esquadra ibérica composta por 52 navios de guerra; uma armada com 1185 canhões e 12000 soldados. A formidável armada era comandada pelo almirante espanhol Fradique de Toledo. Fradique e Francisco cercaram Salvador e ainda receberam reforços de Pernambuco – comandadas por Mathias de Albuquerque –, e do Rio de Janeiro, por Martim Correia de Sá.

A Bahia fazia parte de uma trama bélica entre as forças europeias, envolvendo a Espanha e a Holanda, que lutavam pelos domínios do Atlântico, mas também envolvia todo o Brasil de então, no esforço de expulsar o invasor. Os holandeses se renderam em 1º maio, quase um ano após a invasão. Finalmente, pouco depois, uma esquadra holandesa de socorro surgiu na entrada da baía, com a cidade já em poder ibérico.

O Castelo da Torre e os Holandeses: Após a conquista de Pernambuco, Maurício de Nassau, partiu com sua tropa perseguindo os defensores na fuga para o sul. No caminho estava um rio, o grande Rio São Francisco. Da margem norte do São Francisco Nassau viu a tropa do outro lado e desistiu de seguir. Era mais importante manter o conquistado que arriscar a enfrentar o exército a sua frente. Que exército? Além das tropas da Bahia, das tropas da União Ibérica fugitivas, existiam os defensores do Rio São Francisco, os soldados e vaqueiros da Torre. É a primeira aparição mais evidente de tropas de caboclos e mestiços vestidos de couro, que mais tarde serão conhecidos como as vestes e armaduras dos jagunços e cangaceiros – os primeiros jagunços do nordeste. Francisco Dias D'Ávila tinha o título de Coronel. Teria sido o primeiro coronel do sertão? A Casa da Torre mostrava a força de sua presença no interior, da criação de gado e currais. Suas milícias desequilibravam e faziam o limite que os holandeses não se atreveram a passar. Esse evento abre espaço para pensarmos como andava a ocupação do sertão do Brasil, em particular na Bahia. O confronto com os holandeses vai revelar a força que já existia no interior do país, e da Bahia. (SANTOS, 1983)

Em 1627, mais uma vez os holandeses tentaram invadir a Bahia, sob comando do mesmo Piet Heyn, mas foram vencidos pelos defensores.

Em 1630, os holandeses resolveram invadir Pernambuco. Era o início de uma ocupação de 24 anos.

O sucesso dos holandeses em Pernambuco, a expansão de seus domínios para norte até o Maranhão, e a possibilidade de Portugal deixar a União Ibérica e voltar a pretender suas terras à Holanda, fizeram com que Maurício de Nassau, comandante Holandês, tentasse invadir mais uma vez a Baía de Todos os Santos em 1638, com 30 navios, 3600 soldados e 1000 índios. A cidade se defendeu ferozmente e rechaçou o invasor. (HOLANDA, 1960)

De fato, a União Ibérica estava arrastando Portugal para o mesmo desastre que a própria Espanha. Nos próximos anos a Espanha estará ao mesmo tempo em guerra contra a Holanda, a Catalunha, a Itália, e ainda contra estados semiautônomos alemães. Dividida, a Espanha enfraqueceu-se diante de Portugal. Os portugueses, por sua vez, estavam perdendo as possessões conquistadas nos séculos XV e XVI, e agora ainda com a ameaça dos holandeses no nordeste do Brasil. (TAVARES, 2001)

Reacendeu-se a ambição de um estado português independente, liderado pela casa de Bragança. Além disso, a Inglaterra, claramente interessada em enfraquecer a Espanha, participa do jogo de poder apoiando os portugueses. Após algumas derrotas, conseguem vitórias significativas, advindas do enfraquecimento espanhol, e finalmente obtinha em 1668, o retorno à condição de estado independente.

A Bahia apóia o movimento de restauração. Uma correspondência secreta entregue a D. João IV, de Bragança, novo Rei de Portugal, levava o apoio do Governador da Bahia e Vice-Rei, Jorge de Mascarenhas. Meses depois o Vice-Rei era destituído por suspeitas de estar aliado à União Ibérica. Cria-se uma junta de Governo, e depois passa a ser Governador Geral do Brasil, não mais Vice-Rei, António Teles da Silva.

Pernambuco estava sob domínio holandês nesse momento. Os portugueses, em meio à difícil guerra contra a Espanha, que duraria 28 anos, estavam dispostos a desistir do nordeste e houve até uma negociação para a venda definitiva dos direitos aos holandeses. O Rei de Portugal estava disposto até mesmo a reprimir a rebelião luso-brasileira.

Como os holandeses invadiram Angola e tentavam super explorar a produção açucareira pernambucana, que deveria pagar toda a guerra que a Holanda patrocina-va contra a Espanha, a revolta se fez e Pernambuco estava em Guerra. Muitas lutas se seguiriam com apoio de tropas e da esquadra vinda da Bahia. De fato a Bahia era a principal força, e mantinha o estímulo, para que os pernambucanos e nordestinos continuassem a lutar. Em 1647, tentando desestimular os baianos, uma esquadra holandesa fechou a barra, atacou Itaparica e pilhou engenhos. Mas os baianos permaneceram na luta. Finalmente em 1654, os Holandeses deixavam o nordeste, três anos antes haviam sido expulsos de Angola pelo governador do Rio de Janeiro.

Em 90 anos, entre o início da União Ibérica e a Restauração, os portugueses viram seu império ser engolido pela poderosa Espanha, foram tragados e levados a participar de guerras que eram dos inimigos da Espanha, agora seus. Devido a isso, seu império colonial, em grande parte, se desfez. Por pouco não se perdeu parte do Brasil para os holandeses. Os brasileiros sofreram: Salvador invadida duas vezes, resistiu, reagiu, expulsou. Depois participou da guerra em Pernambuco enviando muitas tropas, armas e gente. De fato os brasileiros haviam expulsado os holandeses e recuperado a posse para Portugal, quase sem ajuda europeia. Agora o Brasil seria mesmo o centro das atenções portuguesas, ou seja, seria mais explorado, visto que Portugal, um estado neste momento bem mais fraco, estava alicerçando sua existência nas alianças com outros estados mais poderosos, principalmente a Inglaterra, que a partir da restauração se aproxima do Brasil, para explorá-lo usando a gestão portuguesa.

Referências.

BRUNO, Ernani. **História do Brasil geral e regional**. São Paulo: Cultrix, 1967.

HOLANDA, Sérgio. **História geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

TAVERES, Luis. **História da Bahia**. Salvador: Edufba/UNESP, 2001.

SANTOS, Rinaldo dos. **A revolução nordestina**. Recife: Tropical, 1983.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre a União Ibérica procure:

VENTURA, Maria. **A União ibérica e o mundo atlântico**. São Paulo: Colibri, 1997.

Sobre os Franceses na Bahia:

LOPEZ, Adriana. **Françeses e Tupinambás na terra do Brasil**. São Paulo: SENAC, 2001.

Sobre os Holandeses visite o site: <http://www.ancruzeiros.pt/anchistoria-comb-1640.html>

Aula 7 – O Avanço pelo sertão e adentro.

Objetivo

Entender o processo de interiorização e de conquista do interior da Bahia, da estrutura de ocupação, assim como dos relacionamentos inter-regionais, e da construção histórica dos sertões da Bahia.

3.4 CAMINHOS DA BAHIA.

A luta pelo oceano ocupava as metrópoles. Enquanto isso, os colonizadores, uma vez que atravessaram o atlântico e se estabeleciam iniciando a praxis patrimonialista, arregimentavam índios e elevando-se assim o número de brasileiros, somados agora à diáspora africana, partiam para o interior.

A expansão pelo litoral já definida no século XVI prosseguiu no século XVII. Foi assim que Valença, Taperoá, Aratuípe e Caravelas começaram a ser ocupadas.



Imagem 18 – Aspecto atual da Casa da Torre.
Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_da_Torre
Acesso em 18/02/012

A outra linha de penetração aconteceu devido à criação de gado bovino, iniciada com o propósito de abastecer Salvador. Na época da invasão holandesa, por volta de 1624, Salvador não poderia ter mais que 12.000 ou 15.000 mil habitantes. A cidade, além disso, tinha uma tradição já estabelecida de pescadores e marisqueiros, e tinha também seus suprimentos de farinha, milho, legumes e frutas, de maneira que não podemos imaginar a necessidade de tantos abates, quanto os que proporcionariam as boiadas da época, que se multiplicaram para muito além do que poderia ser a necessidade de abastecimento. Salvador era de longe a maior cidade da colônia, o que significa dizer que a demanda por carne bovina, em outros cantos - como em Olinda - era ainda menor. As vilas e povoados menores viviam de subsistência e tinham seu próprio gado. (SANTOS, 1983)

O gado vai multiplicar-se em currais desde Itapuã à fronteira de Sergipe. O território vai ser ocupado até o Maranhão. Parece impossível que se pensasse em vender e abastecer de carne a população diminuta de algumas cidades, a partir de tamanhas distâncias. Mesmo

a produção de couro, consequência da criação, também não justificaria tal empreendimento no consumo interno. (MONIZ BANDEIRA, 2007)

Garcia d'Ávila, que se casa com uma filha de Caramuru, receberá direitos sobre Tatuapara, aldeia de índios aliados, desde os tempos das primeiras expedições. Nas proximidades da Aldeia, em uma elevação estratégica, a família vai erigir uma fortaleza em estilo medieval, único castelo privado das Américas, provido de uma torre, que vai acabar dando o nome de Casa da Torre à construção, e de fato a toda família.

A Casa da Torre já era uma importante base de operações no início do século XVII, capaz de interromper o avanço dos poderosos exércitos holandeses.

Pensemos ainda que no século XVI e XVII não existiam frigoríficos para a conservação, e nem estradas que facilitassem os transportes. O gado teria que vir em pé com os tropeiros. O matadouro de Salvador necessitava sim de animais para o abate, mas em número proporcionais a sua população.

A busca por riquezas minerais certamente foi um dos motivos que levou os Senhores da Torre a expandir seus domínios. Francisco Dias d'Ávila, filho de Garcia, neto de Caramuru, foi um dos que acreditou nas histórias sobre as minas fabulosas do interior, narradas pelo bandeirante baiano, Belchior Moreira, filho de Caramuru.

O original da Casa da Torre era de que a cada avanço, a cada combate e "amansamento" de índios, era montado um curral e instalado um criatório de bois, que também levava à criação de galinhas, carneiros, cabras e ao estabelecimento de roças. A Casa da Torre expandiu suas terras porque implantava um sistema de ocupação sustentável e capaz de, inclusive, aproveitar o índio no que ele mais sabia: lidar com animais e com a terra. Além disso, muitos portugueses foram casando com as índias e criando alianças com certos grupos, que passavam a ser parte da iniciativa. Os resistentes eram então tratados como selvagens e inimigos. O gado havia construído suas legiões e penetrava para colonizar os sertões.

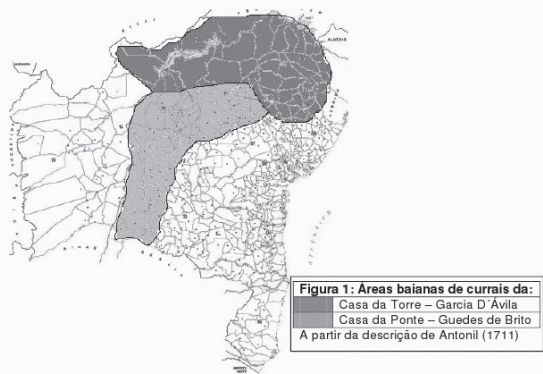


Imagem 19 – Áreas baianas de currais das casas da Ponte e da Torre.
 Fonte: FERRARO JUNIOR, Luiz e BURSZTYN, Marcel. À margem de quatro séculos e meio de latifúndio: Razões dos Fundos de Pasto na história do Brasil e do Nordeste (1534-1982). Brasília: ANPPAS, 2008.

Os d'Ávila iam deixando arrendatários nos novos currais para gerir a área em nome da Torre, transferindo para as populações agora submissas e dependentes, a condição de favorecidos.

Mesmo que o objetivo fosse buscar riquezas mineiras, a consequência era a concentração de poder: a maior riqueza da Casa da Torre era o grande prestígio e capacidade de reunir tropas consideráveis, na medida em que seus arrendatários controlavam vastas áreas e populações organizadas segundo a dependência e fidelidade próprias da ordem senhorial patrimonialista.

A família d'Ávila experimentou executar uma estratégia de expansão de seu poder senhorial a partir da difusão da criação de gado bovino, que acabou por constituir talvez o maior latifúndio da história, com quase 1 milhão de quilômetros quadrados, cujo efeito prático era a obtenção e manutenção de prestígio e poder de persuasão junto à capital, aos senhores vizinhos, inclusive de outras capitanias, e até mesmo diante dos poderes da Europa.

O mais importante é que na medida em que iam se expandindo criavam as condições que conhecemos e reconhecemos hoje, como a sociedade do interior do nosso estado. A Torre levava o curral e a cultura da pecuária. Como o gado ia a pé, as estradas dos tropeiros que transportavam o gado começavam a surgir, o caixeiro viajante poderia começar a trafegar e levar as novidades. A indústria do couro se espalhava, assim como a da carne charqueada: surgia toda uma cultura alimentar, os primeiros rudimentos de feiras periódicas,

assim como o deparar-se com a seca e com a forma de vida necessária para enfrentar a vida no sertão.

Ainda no século XVI, os currais da Torre teriam iniciado as povoações de Camaçari, Monte Gordo, Ipitanga, Pojuca, Catu, Mata de São João, Abrantes, e já haviam chegado à Itapicuru, já bem no interior, e parte do perímetro das secas. Entre os séculos XVI e XVII, currais foram montados em Alagoinhas, Serrinha, Jeremoabo, Ribeira do Pombal, Juazeiro, Campo Formoso, Canudos, Maçacará, Santana, Curaçá, Casa Nova, Santo Sé, Pilão Arcado, Remanso, dentre outras. As informações existentes hoje indicam que a Casa da Torre teria criado aproximadamente 800 currais em vários estados nordestinos. São milhões de cabeças de gado, que jamais se pensava abater. Outras, como Rodelas e Monte Santo, têm origem nas missões dos religiosos, muitas vezes tratados como inimigos. Havia animosidade porque a Torre entrava para submeter ou exterminar os índios, os religiosos os queriam catequizados.

No início do século XVII a Casa da Torre já fazia correr pelo sertão seus exércitos de vaqueiros vestidos com armaduras de couro.

Em 1676, após uma longa guerra contra os índios, uma tropa da Torre, composta por 60 escopeteiros encourados, e mais 300 índios aliados tupinambás em arcos, encurralou um grupo de índios inimigos, tapuias, nas proximidades do Rio São Francisco: eram 400 homens, velhos, mulheres e crianças. As tropas da Torre desembainharam as espadas e degolaram todos os 400. As tropas que Francisco Dias d'Ávila usou para invadir e "pacificar" os sertões, em 1693, tinham 1300 homens aproximadamente; destes, 900 eram sertanejos mestiços vaqueiros, a partir dali típicos guerreiros nordestinos, filhos de índios, pretos e brancos que habitavam os currais, 200 eram índios aliados, 100 mamelucos e 150 escravos.

A Casa da Torre desbravou o sertão semiárido e descobriu o vale do São Francisco, iniciando sua navegação. Foram eles que também descobriram que o Rio São Francisco faz uma curva e volta-se para o sul. Esta descoberta era um caminho mais fácil rumo às colônias do sul. (TAVARES, 2001)

A estratégia de implantar o gado, e com ele toda uma forma de viver, relacionar-se e de fato submeter-se ao senhor e a seu prestígio, mesmo com toda esta violência e oposição, ia dando certo. No final das guerras todos os grupos; tupinambás, Caetés, Cariris, e muitos outros

acabavam por aproximar-se da forma de viver da colônia, transformando o índio em sertanejo, a caatinga em Nordeste Brasileiro.

Estima-se que eram mais de 800.000 cabeças de gado, só em Pernambuco. Há também um cálculo para peças de couro que eram exportadas para Portugal. Embarcavam da Bahia cerca de 50.000 por ano, de Recife eram 40.000, e do Rio de Janeiro eram aproximadamente 20.000. Ao verificarmos estes números, e imaginando que para Recife e Olinda convergiam não só os bois de Pernambuco, mas também os da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, é possível perceber que 1 em cada 15 ou 20 era abatido para o couro. O normal do gado bovino é que em dois anos haja até 80% a mais de cabeças de gado, em relação ao rebanho original. Acrescente-se que as peças de couro podem ser transportadas. Portanto, sem foco principal no mercado, a expansão do rebanho era mais um exército de expansão de terras e poder. Isso não nega as rendas e bons resultados comerciais do gado, mas sim o caráter de mercado interno que alguns desejam ver nessa atividade sertaneja.

A rota do litoral norte e do São Francisco não foi, porém a única a ser utilizada para a penetração no interior. Mais para o sul, a linhagem de descendentes de Antônio Guedes de Brito havia experimentado expandir território a partir da entrada no Rio Paraguaçu. A princípio os Guedes de Brito desejavam expandir lavouras e também buscar tesouros e metais preciosos. A expansão, porém, acabou por ser feita nos moldes das da Casa da Torre e a Casa da Ponte, como passou a serem chamados os Guedes de Brito, passou a desenvolver também os currais e a multiplicação deles em outra região. As duas casas acabaram por se encontrar no sertão, já que seguir pelo Rio Paraguaçu acabaria por encontrar-se diante do Rio São Francisco, em posição mais ao sul do que aquela que os da Casa da Torre seguiam. As duas organizações senhoriais acabaram por ser fronteira, uma da outra.

Os Guedes de Brito receberam os direitos de outra área muito extensa: desde a posição mais ao norte, na altura de Jacobina, até o Rio das Velhas, já em Minas Gerais. Utilizando a mesma estratégia dos d'Ávila, os Guedes de Brito são responsáveis pela fundação de outro grande número de currais e povoações, dentre outras Jacobina, Irecê, Mucugê, Andaraí, Guanambi, Lençóis, Bom Jesus da Lapa, Cachoeira, Maragogipe, Macaúbas, Seabra, Morro do Chapéu, Inhambupe, Paratinga,

A Família era proprietária do norte de Minas e descobriu a ligação para abastecimento das minas de ouro com gado do nordeste.

Houve, porém, mais uma corrente de avanço para o interior da Bahia, exatamente a definida por bandeiras encomendadas aos paulistas. São povoados resultantes destas bandeiras: Maracás, Jequiriça, e provavelmente Lençóis.

3.5 A SOCIEDADE SERTANEJA.

Excetuando o oeste, assim como as densas florestas do sul, a Bahia; o sertão das chapadas, o vale do São Francisco, o Semiárido, os caminhos para Minas Gerais, estavam bem integradas e desbravadas pelo gado bovino, legítimo vencedor e colonizador da Bahia.

Os currais tinham ao seu redor pequenas comunidades de vaqueiros, às quais se agregava a tradição indígena, a herança africana e a portuguesa. Com o tempo ao redor dos currais surgiam os arraiais, os pequenos centros de população cabocla, sempre chefiados por um arrendatário das casas da Ponte ou Torre.

O Arraial, em geral era um amontoado de casinhas pequenas, ladeadas e centralizadas por um largo no qual se dava o principal das relações cotidianas, e para o qual estava geralmente voltada a frente da igreja, a frente da casa do arrendatário, algum possível pequeno comércio, venda ou fábrica de couro, ou de outra coisa.

Os bois acabaram construindo as rotas dos tropeiros, os pontos de descanso, de comércio, de encontro para diversão com as vaquejadas, e isso foi levando a Bahia a criar rotas de comunicação, que ainda são as estradas asfaltadas de hoje.

As rotas da Torre partiam de Tatuapara e ganhavam Monte Gordo, Pojuca, Catu, Alagoinhas, para seguirem rumo a Itapicuru, Jeremoabo, deste ponto à Monte Santo Juazeiro. A Casa da Torre deu existência à cultura do couro e à criação de gado não só na Bahia, mas em praticamente todo o nordeste. (FREIRE, 1998)

As rotas da Ponte começavam geralmente em Cachoeira, às margens do Paraguaçu, e seguiam para Morro do Chapéu, de lá para Irecê, Jacobina, na busca pelo Rio São Francisco.



Imagem 20 – Chapéu de Couro de Lampião.

Disponível em:

<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=4264&bd=1&pg=3&lg=>

Acesso em: 18/02/2012.

O São Francisco foi se constituindo em uma rota maior. O grande rio é navegável, desde o salto de so-bradinho, ao norte, até Pirapora, em Minas Gerais. As casas da Ponte e Torre, mais os senhores em Minas, logo começaram a utilizar, assim como toda a população as rotas de navegação do rio.

Os tropeiros começaram também a utilizar a rota terrestre que ia para Minas Gerais. Comunidades vizinhas costumaram criar laços de relacionamento, como por exemplo, a existência de feiras que a cada semana se davam em um lugarejo.

Referências.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto . **O Feudo A Casa da Torre de Garcia d Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007

FERRADO JUNIOR, Luiz e BURSZTYN, Marcel. **À margem de quatro séculos e meio de latifúndio: relações dos fundos de pasto na história do Brasil e do nordeste**. Brasília: ANPPAS. Disponível na URL: www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT5-307-82-

20080424164651.pdf, versão 16/02/2010, capturado em versão 16/02/2010.

FREIRE, Felisberto. **História Territorial do Brasil, Bahia, Sergipe e Espírito Santo**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1998.

SANTOS, Rinaldo dos. **A revolução nordestina**. Recife: Tropical, 1983

TAVERES, Luis. **História da Bahia**. Salvador: Edufba/UNESP, 2001.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre a Casa da Torre visite:

1) <http://www.casadatorre.org.br/>

2) <http://www.casadatorre.org.br/constrsertao.htm>

Aula 8 – Salvador: a metrópole colonial.

Objetivo

Entender a função metropolitana de Salvador colonial; as relações com o além-mar, as relações com outras partes do Brasil, as relações com a hinterlândia e com os sertões, assim como o impacto disso em sua formação.

3.6 A CONSTRUÇÃO DA METRÓPOLE COLONIAL.

Salvador já nasceu para ser metrópole. Contando com instituições monárquicas e com uma sociedade organizada, crescia contando com sua fortaleza natural e possibilidade militar, e com sua posição estratégica no oceano Atlântico. A cidade havia sido construída para auxiliar Lisboa na ação de governar seu vasto império ultramarino, capitanear o esforço de colonização, e auxiliar na penetração dos sertões. Uma Brasília do século XVI.

Ainda no século XVI Salvador cresceu bastante. A Cidade Baixa, por exemplo, que no século XVI não passava de uma mistura de depósito com estaleiro, em princípios

do século XVII era um mercado ativo, local de trocas de produtos da terra, do interior, do Brasil, do oriente e de Portugal. (CALMON, 1959)

Além dos negócios oceânicos, a cidade desenvolveu um comércio de pequeno porte, de pequenos balcões, quitandas e de rua, que vendia farinha, feijão, milho, pescados, mariscos, animais tropicais, caça, carnes, aves, mingaus, doces, a cidade, principalmente o cais e o largo da feira, haviam se tornado um efervescente mercado de rua.



Imagem 21 – Sobrados da praia do bairro da Preguiça no século XIX, pintura de Diógenes Rebolcas.

REBOUÇAS, Diógenes e FILHO, Godofredo. Salvador da Bahia de Todos os Santos no Século XIX. Salvador: Raízes, 1985.

A partir do século XVII, o desenvolvimento do tráfico de escravos somou o tabaco, a cachaça, e depois o álcool, madeiras nobres, couros, algodão e especiarias, agora trazidas da Índia para terras baianas.

A importação era de produtos europeus. O vinho, o bacalhau, o azeite, são clássicos produtos portugueses. Produtos manufaturados, louças, produtos de metal, cerâmicas, roupas, calçados, farinha de trigo, produtos da África, panos da costa, mercadorias do oriente. A cidade tinha seus artesãos, inclusive artesanato indígena.

Salvador cumpria bem sua função de ponta de lança colonial portuguesa. As tribos aguerridas ou as potências rivais teriam toda a condição de frustrar a colonização, ou até mesmo de acabar com as pretensões portuguesas na América. O apoio de Salvador contra os franceses, contra os holandeses, a perseguição de piratas ingleses, o apoio e pressão sobre os tupinambás, a perseguição aos tapuias ariscos; sem Salvador a coroa portuguesa teria poucas chances de sucesso.

Em meados do século XVII, podemos imaginar o festival de velas brancas, ou de barcos menores a remo, canoas e jangadas, que enchiam os horizontes das águas da hinterlândia.

Mercado Interno: Para compreender o Conceito de Mercado Interno, temos que saber diferenciar o mercado capitalista do processo comercial de trocas, que precede a hegemonia capitalista em milhares de anos. A chamada acumulação primitiva de capital permite o surgimento dos principais sujeitos da ordem capitalista de reprodução social. Surge o proprietário dos meios de produção e de subsistência, o capitalista. Surge também o trabalhador que dispõe apenas de sua força de trabalho e que para sobreviver tem de vendê-la. O mercado interno é fruto da acumulação e do surgimento destes sujeitos de tal forma, que toda a produção passa a ser sistematicamente realizada em função do mercado como gestor da distribuição do econômico. O Brasil colonial tinha comércio, trocas, participava da acumulação primitiva e formação do mercado interno na Europa. Localmente, o comércio acontecia com o que era destinado pelo produtor para o comércio. Uma parte de sua produção que ele não precisava. A maior parte de sua produção era para a subsistência. Logo, não havia mercado interno. Em relação aos grandes proprietários, participavam da acumulação de capital e acumulavam participando de um mercado distante, na Europa, ou África. Sua produção quase nada era direcionada ao comércio no Brasil.

Vilas, povoados, aldeias de índios, e engenhos foram surgindo na hinterlândia: em Itapagipe, São Tomé de Paripe, Matoin, Nossa Senhora das Candeias, Madre Deus, Mataripe, Ponta de Nossa Senhora, Paramana, São Francisco do Conde, São Brás, Engenho d'Água, Açupe, Saubara, Bom Jesus dos Pobres, Santiago do Iguape, Cachoeira, Tabuleiro das Navalhas, Cairu, Salinas, Itaparica, Penha, Gamboa, Gameleira, Caixa Prego, Valença, Morro de São Paulo, Camamu, Maraú, Boipeba, Nazaré das Farinhas, Aratuípe, Jaguaripe, Taperoá, Rio Vermelho, Itapuã, entre outras. De todos os portos partiam e chegavam os barcos que enchiam a baía. Na maior parte destes núcleos iniciais de colonização, poderíamos imaginar a presença de colonos e suas famílias, agregados próximos, possivelmente um religioso, escravos, lavradores livres ou obrigados por algum tipo de arrendamento ou contrato, acrescidos dos índios “mansos” já existentes ou vindos com o colono. Era um pequeno embrião de povoamento.

Os barcos convergiam para Salvador, centro dinâmico da hinterlândia. Isso significa que o tráfego de barcos crescia na medida em que nos aproximássemos de Salvador.

Nos pequenos núcleos a atividade comercial de pequeno porte não poderia ser voltada para o abaste-

cimento de Salvador por não ter nenhuma estrutura ou objetivo comercial sistemático. Tratava-se de cultivo ou criação de subsistência, resultado de produção pouco ou nada organizada para a finalidade comercial, que na medida do excedente e da existência do mercado da capital, servia para ganhos complementares.

Há ainda que considerar a situação de desequilíbrio entre produção, produtores e população da capital. Os grandes senhores e as populações do interior viviam de sua subsistência ou do benefício obtido pelo trabalho tributário no reduto dos senhores. A produção, mesmo quando existente, carecia de estrutura de distribuição e isso significa que Salvador poderia estar sofrendo grandes fomes e carências de alimento, mesmo com a fartura não muito distante.

Salvador participava de dois mercados: 1) para o comércio oceânico a estrutura de armazéns, trapiches, linhas de suprimento, custeio, estavam montadas e garantidas pelos resultados a serem obtidos, principalmente na Europa, 2) a realidade local, porém, é a das comunidades e redutos tributários dos senhores. Aí o comércio existe, mas não é central e nem organiza a produção. O termo mercado interno nos parece bastante inadequado.

A cidade, movimentada, ruidosa, às vezes apertada, era um centro de negócios e lances comerciais dos mais diversos, sem dúvida um grande centro dinamizador da região, mas sem romper, ou melhor, completando como centro administrativo e de apoio estratégico, a sociedade senhorial de base rural e patriarcal de origem ibérica que se formava.

Metrópole colonial pode ser definida como uma cidade que está no topo de uma organização social, de uma rede urbana, que ocupa uma dada região, e que realiza efeitos de coordenação da ordem e da reprodução social da regionalidade, orientando o processo de urbanizações derivadas. Além disso, uma metrópole colonial acaba representando a influência da metrópole distante, recebendo transmissões e relações pertencentes ao centro colonizador. (MATTOSO, 1992)

Os mascates e caixeiros que tinham origem em Salvador, logo estabeleceram rotas de troca de alimentos, produtos e escravos com o interior, com o Nordeste passando por Recife, também com o Sul do Brasil. Era na capital baiana que se reuniam produtos manufaturados, escravos, produtos de exportação. Era de suas casas de consignação e filiais que os produtos eram espalhados pelo Brasil.

Os portugueses foram importantes partícipes no tráfico de escravos, provavelmente os líderes deste tráfico, entre os europeus, ao menos no século XVI. O tráfico de gente era prática antiga e envolveu árabes, franceses, holandeses, ingleses, que concorreram com os portugueses nesse comércio de pessoas. A posição de Salvador no Atlântico, e em relação às correntes marinhas e regime de ventos, dava a ela uma enorme vantagem como ponto estratégico de suporte e transação do tráfico. Por volta de 1720, a Bahia era talvez o maior empório comercial do Reino de Portugal, concorrendo com a própria Lisboa. (VERGER, 1987)

Os escravos vinham de quatro centros de concentração principais: São Jorge de Mina, Cabo Verde, São Tomé e Luanda. Havia ainda moçambicanos que chegavam de barcos vindos de Goa.

Em 1723 foi criada a Mesa do Bem Comum dos Negociantes da Bahia, como primeira versão de uma associação comercial. De fato, a partir de algum momento do final do século XVII, e mais ainda no século XVIII, a Bahia passou a figurar entre os líderes do tráfico. Analisando o domínio português sobre o tráfico, encontraremos que era de fato dominado pelos baianos. A Bahia foi o principal gestor do tráfico de escravos, e do acúmulo de capital que ele gerava; os principais traficantes e a principal praça comercial deste comércio vil era Salvador. A partir do século XVII, porém, este tráfico era gerido principalmente por holandeses, depois ingleses, e os portugueses europeus passaram a perder espaço para os baianos (SALVADOR, 1981).

3.7 A METRÓPOLE E A PLURALIDADE ÉTNICA

A cidade cresceu da mistura e integração interétnica e transoceânica. Não se trata de nenhuma apologia à democracia racial, pois era uma sociedade de classe, e as classes na Bahia tinham cor. Significa dizer que qualquer discussão de classes relativa à Salvador é, necessariamente, uma discussão entrelaçada com a de etnia.

Era de tupinambás a maioria da população da vila de Caramuru. Aldeias nos atuais bairros de Brotas, Itapuã, Rio Vermelho, Pirajá, fizeram com que os arredores da cidade já fossem povoados por tupinambás. Havia ainda

outras aldeias mais distantes nos arredores. Ainda é pouco estudada a base étnica tupinambá de Salvador.



Imagem 22 – Feira de Água de Meninos. CARIBÉ.

Disponível em:

<http://www.uefs.br/portal/ensino/cultura>

Acesso em: 06/03/2012.

Toda a tradição alimentar baseada no milho, na mandioca, algumas tradições ligadas aos frutos do mar da Baía de todos os Santos veio deles. Era deles o saber sobre como mariscar os mangues. Toda a relação com a natureza e com o contexto ambiental, que para eles era ancestral. Artesanato tupinambá: redes, artefatos de palha ou madeira, o ritmo cotidiano adaptado ao ambiente, técnicas de construção em taipa, e por outro lado, a cultura simbólica, mitos e língua tupi até hoje se fazem presentes. Os tupinambás e suas práticas sempre forem interagindo com negros e brancos.

Os europeus eram de várias origens: espanhóis e italianos eram constantes, algum francês, inglês, holandês. Para isso contribuía o movimentado porto. A maioria portuguesa era principalmente de duas origens: Os descendentes de árabes, mouros e judeus em Portugal; os cristãos-novos eram tradicionalmente comerciantes e artesãos. Pelo fato de não serem cristãos de origem estavam sempre perseguidos. Vir para o Brasil era um recurso importante para tentar escapar destas perseguições, melhor ainda se no interior.

O outro grupo era de portugueses cristãos, vindos das margens do rio Douro e arredores, vianenses, bragantinos, galegos e outros do norte, principalmente da cidade do Porto. É provável que muitos galegos tenham também vindo com os colonos.

Isso mostra que em relação aos europeus, a maior

influência cultural e de hábitos, crenças, foi da região do Douro. Estruturas urbanas, religiosidade, elementos culturais refletem essa predominância. O sotaque e o vocabulário no Porto, e até o falar galego, parecem mais familiares a um soteropolitano, que em outras partes de Portugal.



Imagem 23 – Akará – iguaria típica da Nigéria.

Disponível em:

http://en.wikipedia.org/wiki/Nigerian_cuisine.

Acesso em: 06/03/2012.

Outra evidência é a herança culinária. São típicas do Porto, as mariscadas, os cozidos de peixe e de mariscos - utilizando-se azeite doce e não o dendê -, a dobradinha, a feijoada, o sarapatel, arroz-doce, pão-de-ló, galinha ao molho pardo ou cabidela, caldo verde, sopa de cação, canja de galinha, dentre outros pratos reconhecidamente baianos dos dias de hoje. A comida portuguesa dos mais pobres ganhou espaço entre as classes populares da Bahia, se misturando às heranças tupis e africanas. (FERNANDES e VASCONCELOS, 2010)

A escravidão africana era produzida em quatro momentos. Primeiro são os pombeiros ou tangomaus que constroem o processo de captura. Ou são os sobas, mais violentos e africanos, que reúnem os escravos obtidos em guerras, dívidas, ou por compra.

Depois vem a experimentação, feito nas áreas de concentração, na Mina, em Cabo Verde, Luanda ou São Tomé, onde os escravos são alimentados, e “adestrados” para novos hábitos e procedimentos de vida. É um processo de preparação, nada educacional, mas sim com a pretensão de adequar em obediência e da submissão.

Segue-se o momento do transporte, nos negreiros, talvez o pior dos momentos, para depois chegarem

aos mercados e aí seguirem para os senhores. Salvador começou a ser um dos centros deste comércio e processo, reunindo aqui alguns dos maiores líderes mundiais do tráfico. Em geral, muitos livros e estudos preferem destacar o monopólio português do tráfico, deixando em silêncio o fato de que, quem mais utilizava este monopólio eram os negociantes baianos e de outras localidades do Brasil, que foram os maiores responsáveis pela escravidão colonial.

Estes primeiros escravos eram principalmente da região da Guiné e Senegal, regiões fortemente islamizadas, com até 90% da população compostas por muçulmanos. Portugal envolvido a pelo menos 700 anos com a guerra contra os mouros, deve ter produzido as justificativas para o tráfico, que supriu Lisboa de escravos. A população de Lisboa, em 1600, era aproximadamente 10% africana. Já que estamos falando de influência culinária, o doce de banana é de origem angolana, também o uso do azeite de dendê em pratos, e os pratos com quiabo. Existe, por exemplo, o Calulu, feito de quiabos, em São Tomé e Príncipe, ilha onde estava um dos principais pontos de concentração de escravos. Em Cabo Verde existe o pirão de mandioca, como o da Bahia. Nesse caso é mais provável que tenha ido daqui para este outro grande centro de guarda de escravos. Há também doce de leite, cocada e feijoada chamada chalupa, iguais as baianas. Lembremos que Salvador e Cabo Verde eram também fortes parceiros. O cuscuz é de origem moura, marroquina. Mas no caso da cozinha marroquina impressiona pela similaridade à ibérica. O Akará e o Calulu são típicos das Minas, do Benin. Já o vatapá não existe em África. Existe a açorda e as migas portuguesas, esta última feita de pão molhado. Mas não usa dendê, e o óleo de palma, este sim é de uso do golfo da guiné. O vatapá parece ser o misto das duas tradições.

Há ainda que destacar, que a cidade portuária e capital estratégica da colônia portuguesa, com plenas ligações no além-mar, sempre foram plenas do contato com as culturas orientais, da Índia ou China.

Uma metrópole plural, reproduzindo as práticas ancestrais de todas as etnias que a formavam, além de construir a mistura e o resultante de todas estas origens, que no cotidiano da cidade ganhavam condição de experiência coletiva da comunidade e cidade que surgia forte e mestiça: Salvador.

Referências

CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

FERNANDES, José e VASCONCELOS, Pedro. **Porto e Salvador, as proximidades de dois percursos urbanos distintos**. Porto, Universidade do Porto, 2000. Disponível na URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo12481.pdf>, versão 21/02/2010. Capturado em versão 21/02/2010.

MATTOSO, Katia. **Bahia, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SALVADOR, José. **Os magnatas do tráfico negreiro**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1981.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos**. São Paulo: Currupio, 1987.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre Mercado Interno – conceito visitem:

http://www.cedeplar.ufmg.br/economia/dissertacoes/2003/Joao_Carlos_Vieira_Kirdeikas.pdf



SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Esta atividade pretende levar algumas ideias para discussão e até para pesquisa e avaliação dos conhecimentos que você está adquirindo, aplicando-o em sua região. Propomos as seguintes atividades:

Descubra a origem dos colonos europeus de sua região, e procure descobrir se foi povoada por ações da Casa da Torre, da Ponte, ou por outra iniciativa.

Procure identificar quais grupos indígenas são ancestrais da região de sua residência.

Será que é possível identificar as principais etnias africanas que compuseram a população de sua região? Vieram de barcos que traziam de que local da África? Ou da colônia? Será que formaram um quilombo? Procure verificar este aspecto sabendo que a ancestralidade africana que temos é a mais apagada e difícil de compor. Mas devemos isso a nós mesmos. Muitas vezes está nos livros de batismo de sua região a possibilidade de verificar de onde vinham os navios que traziam os cativos que acabaram contribuindo para a construção de onde habitas.

Finalmente procure identificar quais as comidas típicas de sua região e procure identificar por aí os caminhos da construção do cotidiano dos pioneiros da comunidade da qual faz parte.

Aula 9 – As contradições e tensões da colônia na Bahia.

Objetivo

Estudar a fase ocupação sustentável dos espaços do interior da Bahia, bem como o desenvolvimento da Bahia no século XVIII, os efeitos da mudança de capital para o sudeste do Brasil, e o desenvolvimento das pressões urbanas e de transformações sociais no final do período colonial baiano.

3.8 O INTERIOR DA BAHIA: CONFORMAÇÃO DA ESTRUTURA E PRÁTICA DA OCUPAÇÃO

No terceiro século da colonização o interior baiano havia se tornado território pacificado, livre de índios hostis, com exceção do extremo oeste.

É fato, por exemplo, que mesmo a distante Caetité já é vila estabelecida em 1749 e recebe a visita do Governador Geral, Conde dos Arcos.

As comarcas e ouvidorias listadas por Vilhena eram 33, nem todas na Bahia. Estas localidades merecem destaque, pois isso indica a presença do poder judiciário da coroa. Cada comarca tem um número de funcionários da coroa. Nas ouvidorias existiam os doutores da lei. Além disso, havia toda uma equipe de escrivães, tabeliães, tabeliães de órfãos, inquiridor, alcaide e outros. Nas comarcas só não existiam os doutores. Isso significa entender a existência de toda uma estrutura, com salários e uma organização urbana mínima. Se considerarmos a enorme adição de vilas e povoados atendidos por estes centros perceberemos a extensão da colonização. (VILHENA, 1969)

Os principais caminhos para os mascates, tropeiros, boiadas, e para as autoridades e pessoas comuns já estão arranjados e funcionando: a colônia já se constitui sociedade baiana. Considerando as indicações existentes, traçamos um quadro geral de ocupação e relacionamento entre regiões:

O Extremo Sul:

Para ir de Salvador ao extremo sul a ligação por terra era quase impossível e pouco utilizada naquela época. A exuberante Mata Atlântica dificulta enormemente. O mar e a navegação de cabotagem são acessos preferenciais. A principal vila da região no final do século XVIII é Porto Seguro: estava fora das rotas internacionais, e mesmo das nacionais, por isso não havia crescido muito. Sua população vivia da pesca e do extrativismo na floresta.

De Porto Seguro, pequenos barcos, saveiros, jangadas, poucos barcos maiores, tinham contato com Caravelas, Alcobaça, Prado, Trancoso, Santa Cruz, e outras comunidades e aldeamentos costeiros. O norte do atual Espírito Santo ainda estava ligado à Bahia.

A Atual Região Cacaueira:

Era similar ao extremo sul, embora fosse, pela proximidade, mais integrada à capital, e por isso mais povoada. Além disso, Ilhéus, já com alguma urbanização, era ouvidoria da coroa, tinha um porto mais acessível e estava bem situado para rotas internacionais e nacionais.

De Ilhéus, que tinha um número significativo de moradas e população, se tinha acesso a Canavieiras, Belmonte e a Barra do Rio de Contas, atual Itacaré. Além da pesca e da coleta na floresta, a região havia desenvolvido um pouco a cana-de-açúcar, e em alguma medida

participava do tráfico de mercadorias do Atlântico e da escravidão. Os antigos aldeamentos de índios e uma maior presença de africanos devido aos engenhos de açúcar completam o quadro regional.

Chapada Diamantina:

A Chapada tinha como referência Jacobina, ouvidoria do reino. Maracás, Morro do Chapéu e Vila Nova da Rainha, hoje Senhor do Bonfim, eram outras referências de povoamento da região. Outras localidades como Lençóis, Andaraí, eram povoados relacionados com a garimpagem. Existiam aldeamentos indígenas “amansados” como a vila de João Amaro, atual Iaçu.



Imagem 24 – Rua histórica de Lençóis.

Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rua_de_Lencois.jpghttp://en.wikipedia.org/wiki/Nigerian_cuisine. Acesso em: 06/03/2012.

Essa região havia sido colonizada pela Casa da Ponte e pelos garimpeiros. No final do século XVIII podemos imaginar as trilhas interligando as principais rotas de tropeiros de gado, de mascates vindos da capital, e utilizadas por poucos viajantes, dentre eles os garimpeiros. Os caminhos, pouco policiados, eram perigosos. Não se pode imaginar um movimento intenso ou contínuo, e sim descompassado e na medida das necessidades pessoais.

As vilas dedicadas ao garimpo teriam provavelmente uma presença significativa de estrangeiros e aventureiros interessados em estar temporariamente na localidade. Os currais cresciam de forma mais sustentável.

O Recôncavo:

No final do século XVIII, o Recôncavo era bem ocupado. Além da presença de Salvador, já com aproximadamente 50.000 habitantes, a região era bem povoada e com muitas vilas importantes como: Cachoeira, Santo Amaro, Jaguaripe, Maragogipe, Nazaré, Itaparica, São Francisco do Conde e Santo Antônio de Jesus. De fato poderíamos citar dezenas de outras comunidades. As ligações por terra e estradas eram mesmo importantes. Mas a facilidade do transporte marítimo e ainda utilizando os rios, estuários, áreas de manguezal e muitos portos, faziam da navegação o elemento de encontro do urbano, do rural e de uma cultura regional amadurecida. (FREIRE, 1998)



Imagem 25 – Prédio histórico de Cachoeira.

Disponível em: <http://www.monumenta.gov.br/site/?p=3548>. Acesso em: 06/03/2012.

A procissão de velas brancas, o acesso de barcos grandes de navegação oceânica, continuava marcante. E nem a mudança de capital do Brasil para o Rio de Janeiro alterou este aspecto. Salvador centralizava a

navegação, as diversas trilhas e caminhos que da capital ganhavam o interior. A navegação de cabotagem para transporte de pessoas e mercadorias era intensa. Ainda mais porque a partir de Cachoeira (principalmente), mas também de Nazaré e outras, seguiam caminhos para o interior. Cachoeira, especificamente, resultado da ação colonizadora da Casa da Ponte, tinha grandes casas ligadas ao comércio da capital, e distribuía mercadoria em caminhos que iam até Minas ou Goiás.

Os caminhos estavam cheios de viajantes, carros-de-boi, carroças, tropeiros, um número maior de mascates, de maneira que um embrião de mercado podia ser identificado entre Salvador e as principais localidades do Recôncavo. A população africanizou-se. Os Bantos, Yorubás, Guinés e outros se somaram em grande número aos europeus e índios e construíram o quadro pluriétnico e pluricultural que conhecemos hoje. O Recôncavo do samba de roda, do candomblé, das muitas igrejas e religiões, dos ritmos e das artes mais diversas já existia.

Feira de Santana, Serrinha, Purificação dos Campos (atual Irará), estavam crescendo como caminhos entre Salvador e o interior.



Imagem 26 – Jagunços encourados nordestinos.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jagun%C3%A7os.jpg>. Acesso em: 06/03/2012.

O Norte Semiárido:

Após quase três séculos de Casa da Torre a região estava firmemente colonizada pelos currais. O povoamento principal estava na vila, e antigo curral, do Itapicuru de Cima. Outras povoações importantes eram: São João da Água Fria e Nossa Senhora da Abadia. Além destas, Pombal, Monte Santo, Jeremoabo, Santa Bárbara, Conde, Alagoinhas e Inhambuê. Nessas regiões tradições ibéricas remotas, algumas mouriscas, misturam-se às heranças tupis e tapuias, e ao legado africano. Nessa época seria mais ou menos comum presenciar a chegada

de boiadas com tropeiros que iam de vila em vila, na busca da Feira de Santana e de lá para a capital. O gibão e a armadura de couro, a lança, a espingarda de bucha, cavalo pequeno, facão, o boiadeiro nordestino se firmava como figura advinda das hostes da Casa da Torre. Havia ainda uma relação desta região com Sergipe que nesse período estava, com todas as suas vilas, ligado à Bahia. (SANTOS, 1983)

O Baixo Sul:

Camamu, Cairu, Boipeba, Maraú, Valença, eram portos que davam continuidade ao “mediterrâneo” baiano, composto com a Baía de Todos os Santos. No final do século XVIII, estes portos estão articulados e em movimento conjunto à procissão de velas brancas e pescadores que constitui a paisagem do Recôncavo. A urbanização da área é também marcante. A região parece uma continuação da cultura e práticas do Recôncavo. Valença vai aos poucos com Camamu, predominando como portos dinâmicos.

Sudoeste Baiano:

O sudoeste era a entrada para Minas Gerais, seja via Rio São Francisco, seja via rotas de tropeiros da Casa da Ponte. Caetité, Monte Alto, Livramento das Minas do Rio de Contas - hoje Rio de Contas - eram pontos de colonização. Esta região misturava as vocações de garimpo e mineração com os currais e caminhos de tropeiros, que seguiam na direção de Vila Rica e das Minas gerais.

O ambiente humano e cultural era também povoado pelo criador de gado, pelo vaqueiro e sua armadura de couro, mas era bem comum o garimpeiro e o minerador. A região se ligava a Minas de maneira que algumas localidades mineiras ainda eram geridas pela Bahia.

Rio São Francisco:

Sobre o Rio São Francisco, além das várias ligações por terra, que faziam das principais vilas do rio, pontos de encontro com caminhos para Recife, Salvador, Vila Rica, Goiás, e outras, encontramos a navegação que interligava Minas, Pernambuco e Bahia. Na Bahia estavam em destaque as comunidades de Juazeiro, São Francisco das Chagas na Barra do Rio Grande, Santo Sé, Santo Antônio do Pambú (atual Curaçá) e Bom Jesus da Lapa.

3.9 PRESSÕES EXTERNAS E INTERNAS SOBRE A METRÓPOLE COLONIAL

O século XVIII foi marcado pelo apogeu da influência de Salvador no cenário nacional, e ao mesmo tempo pela crise que levará à mudança da capital para o Rio de Janeiro.

No século XVIII, Salvador teria aproximadamente 50.000 habitantes, número expressivo para a época. A cidade havia se urbanizado, estava organizada e bem habitada na cidade alta, embora cercado já das habitações de taipa e barracos nas periferias de população menos favorecida. A cidade baixa era um centro ruidoso e movimentado, sujo e mal cheiroso, centralizando com força o movimento marítimo e comercial do Atlântico sul.

São deste período, o Teatro São João e o funcionamento do Colégio dos Jesuítas como instituição de ensino superior; os alunos das classes de filosofia e retórica poderiam prosseguir seus estudos em Coimbra, da mesma forma que os de Lisboa e Braga. A perseguição, e finalmente expulsão dos Jesuítas da Bahia e de Portugal, fará parte do ambiente de crise do final do século.

No decorrer do século XVII, e mais ainda a partir do século XVIII, Salvador cresceu em sua função do seu papel estratégico no Atlântico Sul. Desde o século XVI era capaz de construir seus próprios navios, e graças à posição estratégica de seu porto tinha ligações com rotas de navegação de todo Atlântico, fosse para Portugal, fosse para a Inglaterra e suas colônias americanas, ou com outras regiões da Europa, América, África ou Ásia. (SALVADOR, 1981)

A Bahia conseguiu ser mais bem recebida que a metrópole na Costa da Mina, ex-colônia portuguesa, agora dividida entre holandeses e ingleses. Navios baianos negociavam diretamente no Golfo da Guiné, o que possibilitou que Salvador conseguisse exclusividade nesta região, fincasse aí feitorias de Porto Novo e o Forte da Ajuda em Iudá, com a aliança do Rei do Daomé. A Bahia agia em detrimento e contrariamente aos interesses de Lisboa, que via crescer a concorrência da colônia em detrimento. Utilizando o fumo baiano e as eternas guerras locais africanas, muito estimuladas e até fabricadas pelas feitorias, os baianos se tornaram os principais fornecedores do tráfico vindo do Golfo, não só para o nordeste brasileiro e para as Minas Gerais, como também para o

Caribe, holandês, francês, espanhol, e também para as colônias inglesas da América. (VERGER, 1987)

Graças a este comércio Bahia, África, América, Europa, do qual os armadores e traficantes baianos participavam intensamente, duvidamos se o principal produto da Bahia no século XVIII seria o açúcar ou o tráfico. Fica claro que os maiores responsáveis pelo tráfico foram brasileiros e não portugueses, e também que Salvador acumulava capital a partir do tráfico, assim como Nova York, outro centro importante de traficantes. Sobre a presença baiana na Costa da Guiné vale a pena investigar Joseph Torres, que havia se tornado importante senhor de terras na África e capitaneava os negócios com a região africana.

A Bahia passou a negociar com autonomia e exclusividade de 24 navios, participando ativamente de contrabando não somente na África, mas também com Minas Gerais que participava de mercados ingleses e europeus com mediação baiana. Os tropeiros da Casa da Ponte serviam tanto para levar bois, como no retorno, para trazer ouro, que via Cachoeira chegava ao porto da Bahia. Produtos europeus, principalmente ingleses, chegavam também contrabandeados.

Os governos gerais de Minas e do Rio de Janeiro eram contrários a este processo e articulavam contra a ação dos baianos. Em 1763, todo este complexo de fatores culminou na transferência de capital de Salvador para o Rio de Janeiro, conforme orientação do Marquês de Pombal. A partir de 1763, as feitorias baianas na África entraram em crise e, finalmente, foram abandonadas em 1804.

Salvador se urbanizou, e em termos de modo de reprodução da existência começou a se organizar em torno de um mercado cada vez mais complexo e capitalista.

O desenvolvimento urbano implicava na existência de população maior e com demandas mais complexas do que aquelas que o sociometabolismo patrimonialista é capaz de sustentar. A urbanidade desenvolve um ambiente cada vez mais voltado para a vantagem da eficiência dos sujeitos, o que implica no surgimento de tensões sociais graves, já que a sociedade patrimonialista privilegia o apadrinhamento e os conchavos, independentemente da eficiência de cada um.

A cidade, aos poucos, vai desenvolvendo um mercado de trabalho, e com ele, classes sociais que vão tencionar a própria instituição da escravidão.

Referências

FREIRE, Felisberto. **História Territorial do Brasil, Bahia, Sergipe e Espírito Santo**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1998.

SALVADOR, José. **Os magnatas do tráfico negreiro**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1981.

SANTOS, Rinaldo dos. **A revolução nordestina**. Recife: Tropical, 1983

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos**. São Paulo: Currupio, 1987.

VILHENA, Luís. **Fluxo A Bahia do século XVIII**. Salvador: Itapuã, 1969.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre a Economia do Século XVIII, visitem:

http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UB/AVAILABLE/TDX-0203105-122457/7.EVOLU%C7AO_ECONOMIA_BAHIA.pdf.

Sobre a presença da Bahia na África, visitem:

http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_content&task=view&id=132&Itemid=521.